

Transgeracionalidade e Escravidão no Brasil – algumas perguntas – Ubuntu¹

Ana Rosa Chait Trachtenberg²

Resumo: O trabalho levanta algumas questões relativas aos traumas dos escravos negros no Brasil durante o período da escravidão e ao seu processamento ao longo das gerações, como memória transgeracional.

Palavras-chave: Escravidão. Memória. Negritude. Transgeracionalidade.

¹ Ubuntu: Na língua portuguesa existe a palavra saudade, cuja tradução para outras línguas se torna muito complexa. Nos países africanos existe a palavra Ubuntu, que possui diversos significados humanísticos. Porém, dois deles são os mais citados nos mecanismos de pesquisa, quais sejam: “Humanidade para os outros” ou “Sou o que sou pelo que nós somos”. É uma palavra paroxítona, que se pronuncia uBUNtu (de forma figurada seria algo assim: ubúntu). Ubuntu é uma antiga palavra africana e tem origem na língua Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu) e significa que “uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas”.

No contexto africano, isso sugere que o indivíduo se caracteriza pela humanidade com seus semelhantes e através da veneração aos seus ancestrais. Assim, aqueles que compartilham do princípio do Ubuntu no decorrer de suas vidas continuarão em união com os vivos após a sua morte. (Mundo Ubuntu, 2012)

² Membro Titular com Função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Eu sou estrangeiro de mim mesmo (Poema)

Eu me desconheço. Sou mesmo um estrangeiro de mim. Quem diria, sou feito de meus ódios. E quero e não quero, tudo ao mesmo tempo, reconhecê-los. Sou um mestiço. Quantas almas, quantas raças habitam o meu corpo, a minha mente. Me diga o que não quero saber, o que faço força, empurro a porta para não ver. Nem hoje, nem amanhã.

Mas, o que fazer se minha pele me denuncia, meu cabelo encarapinha, minha boca é grande? Como lutar contra isso? Como lutar contra meu olho azul, minha pele vermelha no sol? Meu gosto de sal, de água salgada, ainda na boca, nos porões do navio que cruzou os mares.

Um mundo melhor? Atravessei meio mundo para dizer que o que me habita não sou eu? Pra lutar como se tivesse uma fera dentro de mim?

Oh! Que olhar tão cândido que me engana... Me engana? Te engana?

Que luta! Tem ganhador? Me desconheço um pouco menos.

Ana Rosa Trachtenberg

Onde será que iniciou, sendo psicanalista, meu interesse pelo tema da escravidão dos negros no Brasil? Talvez eu tenha que ir lá nas minhas vivências infantis, na minha origem, na história da minha família, passar pela adolescência e pelo convívio com colegas e familiares. Vamos lá, então: nasci e me criei em Porto Alegre, no sul do Brasil. Sou filha de refugiados judeus poloneses e pobres, que se aventuraram para um lugar completamente desconhecido, entre as duas guerras mundiais, para salvar a pele do antissemitismo e do nazismo da Europa. Os familiares que lá permaneceram foram dizimados. Sou a primeira geração no Brasil e descendente “indireta” de sobreviventes da SHOÁ/Holocausto. Ainda não há, na literatura, uma designação mais precisa para essa condição.

Agora, retorno ao bairro onde cresci, conhecido como Colônia Africana. Bairro de negros e de judeus pobres. Minha cidade tem colinas; no alto se situam zonas abastadas. Meu bairro: rua Esperança (uma descida) e rua Liberdade (lá embaixo). Ao que parece, os escravos fugiam da casa grande pela rua que, em algum momento dessa história, chamou-se Esperança (hoje tem outro nome) e se refugiavam na rua Liberdade e adjacências. Havia clubes negros no bairro, bem como sinagogas. Meus vizinhos, descendentes de escravos, e nós, respirávamos esse clima. Porém, nunca escutei de nenhum deles qualquer referência de que eram descendentes de escravos! Uma ruptura traumática? Um temor? Uma defesa? Uma ausência de história escrita? Dói muito, muito, excessivamente muito que ficou perdido do outro lado do oceano...

Bem, me tornei psicanalista e meu interesse pelo tema da transmissão psíquica entre gerações foi crescente nos últimos anos. Fui entendendo que tinha relação com minha história e, especialmente, com minha pré-história. Talvez um desejo de ir colocando palavras no silêncio que também rondava minha família. Não se falava das perdas trágicas da Shoá.

Alguns anos após o final da Segunda Guerra Mundial, psicanalistas do mundo inteiro começaram a receber em seus consultórios os sobreviventes e/ou os descendentes do Holocausto judeu – Shoah, em hebraico – e passaram a observar fenômenos clínicos que guardavam alguma relação com aquela situação traumática do passado.

Nos anos 1960, foi descrita a síndrome do sobrevivente do Holocausto, em que predominava a culpa por ter sobrevivido, enquanto familiares haviam sido dizimados pelo nazismo. Uma década depois, as investigações recaíram sobre a segunda geração, e nos anos 1980 e 1990 o foco se abriu para a terceira geração. O denominador comum é o aparecimento de sinais relacionados aos traumas vividos pelos antepassados, e não pelo próprio sujeito.

Em outras palavras, há uma forte presença da *pré-história* do sujeito na constituição de sua subjetividade ou sua conflitiva, o que ocorre de maneira inconsciente. Essa pré-história convive lado a lado com a sua conflitiva pessoal intrapsíquica. Os estudos psicanalíticos nascidos nos *efeitos radioativos* (Gampel, 2006) do Holocausto foram ampliados, sendo de muita valia para a compreensão dos desdobramentos emocionais de outras formas de violência e trauma.

Penso que a escravidão no Brasil e sua ressonância por gerações pode ser incluída nesse contexto. Ganha força, apesar da escassez de literatura a respeito no Brasil. Várias buscas no Google me levaram, curiosamente, ao título do livro *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro - um destino entre gerações*, da autoria de colegas da SBPdePA. Na ocasião de sua publicação (Trachtenberg et al., 2013), a conexão entre Transgeracionalidade e Escravidão no Brasil inexistia, e o título do livro remetia à escravidão de relações derivadas de identificações alienantes.

Comento meu espanto (e minha gratidão aos colegas) ao ser questionada sobre a presença da escravidão nas gerações atuais: brancos e negros. Era Salvador, Bahia, ano de 2013. Meu espanto se transformou em curiosidade, mas percebo que pouco se escreve sobre isto: a culpa dos brancos e o silêncio dos negros. Porém, muito se fala nos últimos anos.

Elie Wiesel, a propósito de sua condição de sobrevivente do Holocausto, disse: “Calar-se era terrível, falar impossível” (citado por Benghozi, 2000, p. 92).

De acordo com Trachtenberg (2017), os sujeitos vitimados em diferentes situações traumáticas de grande magnitude são impulsionados a buscar, por

sua vez, defesas extremadas, na tentativa de manter um mínimo de homeostase emocional. Assim, torna-se intolerável falar, lembrar, rememorar, pensar, sentir, já que colocar o acontecimento traumático ou vergonhoso na rede de representações implica uma ameaça de “re-traumatizar”, com desorganização e ruptura do psiquismo.

Dessa forma, os sobreviventes dessas violências buscam proteção para tentar *sobreviver psiquicamente, para levar uma vida normal*. Fazem uso da *desmentida*, da *cisão* e da *clivagem do ego*. Viver em mundos superpostos ou paralelos é um recurso de sobrevivência.

Lembrei dos meus vizinhos e amigos, acerca de quem fui aprender algo somente na vida adulta. Fiquei pensando no silêncio que ronda as famílias traumatizadas, sejam eles (os traumas) pessoais, familiares, sociais. Esse silêncio, cisão do Ego, é usado como potente defesa contra a re-traumatização do sujeito, gerando criptas, que no dizer de Nicolas Abraham e Maria Torok seria:

Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser rememoradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas, serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda engolidos e postos em conserva. O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta. (Abraham & Torok, 1995, p. 249)

Os mesmos autores falam da transmissão que, ao longo das gerações, aparece como Fantasma:

Por menos segredos que tenham seus pais, eles lhe transmitirão uma lacuna no próprio inconsciente, um saber não sabido, uma nesciência... Um dizer enterrado se um dos pais se torna para a criança um morto sem sepultura. Esse fantasma retorna, então, a partir do inconsciente, e vem assoprar, induzindo fobias, loucuras, obsessões. Seu efeito pode chegar até a atravessar gerações e determinar o destino de uma raça. (Abraham & Torok, 1995, p. 278)

Ao se referir às ressonâncias do trauma não elaborado em uma dada geração, Abraham e Torok (1995) enfatizam que nada pode ser abolido completamente; algo aparecerá em gerações seguintes, como enigma ou como algo impensado.

Nessa linha de pensamento, Benghozi (2000) utiliza o termo *traumatismo como herança* para designar situações em que, embora o fato traumático tenha se dado com o progenitor, é transmitido ao descendente sem que nunca tenha sido falado. Para esse autor, há um risco constante de que um traumatismo psíquico não metabolizado seja repetido depois de várias gerações.

O traumatismo, que pode ser um luto, vergonha, violência social, etc. sem possibilidade de elaboração psíquica (com clivagem do ego e formação de

cripta), constitui uma verdadeira pré-história para as gerações seguintes, pela qual estão compulsoriamente atravessadas. As gerações futuras têm que lidar com uma experiência traumática que não é própria, mas sim dos pais, de quem dependem psiquicamente. Serão possíveis prisioneiros de sua pré-história. Serão as *gerações fantasma*.

O fantasma resulta, então, sobre um sujeito, dos efeitos inconscientes da cripta de outro, de seu segredo inconfessável. Podemos dizer que o sujeito fantasma é, portanto, prisioneiro de outro sujeito, do sujeito cripta.

A nova geração será herdeira compulsória dessa vesícula que contém produtos tóxicos, será receptora singular de uma transmissão defeituosa. Por estar dominada por sua dependência e seu apego aos pais, bem como por sua necessidade de ocupar o lugar que lhe é determinado, se constituirá em verdadeira escrava de fantasmas.

Ao ser introduzida na constelação traumática dos pais, a criança cumprirá várias funções para eles. Poderá tomar o lugar dos mortos, identificando-se com eles para satisfazer a mãe, servindo assim de continente para as angústias excessivas do adulto, invertendo as posições na linha geracional, transformando-se, por exemplo, em pai de seus pais.

Assim, encontraremos, em ambas as gerações, o impensável, o indizível, o negativo, o processo do segregar, os restos insensatos, os passados em silêncio, as histórias vazias. Estará fundada a *cadeia traumática transgeracional* (Gomel, 1997).

De acordo com Trachtenberg (2017), o trauma pode inaugurar, na história de muitas famílias, as condições para as transmissões transgeracionais, carentes do espaço de transcrição transformadora. O trauma não elaborado tem poder para interromper a transmissão intergeracional, aquela que se dá *entre* os sujeitos. Com isso, passa a existir outra, dessa vez defeituosa, transgeracional, que ocorre *através* dos sujeitos, atravessando o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de formações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem preservação dos espaços subjetivos ou intersubjetivos.

. . . o trauma da ruptura com as origens, com tudo que compõe os elos que ligam à sua terra natal, sua cultura específica, seus costumes, seus laços familiares e amigos, seus bens e sua relação com a língua; de outro lado, o choque traumático com a nova cultura, que, à parte a frequente alienação e hostilidade ao estrangeiro, inclui muitas vezes o racismo (sobretudo onde a diferença racial é fisicamente aparente), entre outras dificuldades de adaptação social e econômica. Ademais, a variação nas facilidades e nos contextos de inserção do sujeito em função de sua faixa etária (criança, púbere, adolescente, jovem, adulto) torna-se, em poucos anos, uma fonte de mal-estares e conflitos entre gerações no seio da família e da comunidade dos imigrantes. O

desenrolar dessa diferença afeta os graus de vergonha, culpa, marginalização e até vários tipos de adoecimento e formas de loucura pelos quais são passíveis de serem acometidas sobretudo as proles dessas famílias. (Delouya, 2017, p. 82)

Penso que estamos no território das repetições sem nome, dos nomes sem história, das histórias vazias, dos silêncios do passado traumático. Das histórias traumaticamente interrompidas e perdidas. Tal pode ser o destino das gerações de descendentes de escravos?

Se as heranças psíquicas garantem a passagem das aquisições e do potencial espiritual da humanidade, também são transmitidas aos filhos as cargas de superar as questões que ficaram em suspenso no inconsciente dos pais e ancestrais. Nos casos em que o luto não pode ser processado, por culpa ou por excesso traumático, a realidade em seu sentido metapsicológico pode instalar-se na forma de uma cripta, pela exigência de permanecer escondida, inominável.

Mijolla (2001) disse que o psicanalista, ao lado do geneticista, deve defender o direito que cada ser humano tem de reconstruir os elementos da sua pré-história que, da mesma forma que o genótipo, são fragmentos importantes de sua identidade. Muitas vezes, as origens étnicas se perdem na sucessão das gerações e, por vezes, seguem caminhos cuja resultante dificulta o encontro com as mesmas. Entendemos, assim, que o indivíduo se constitui, entre outros fatores, de sua história e de sua pré-história, tanto do ponto de vista genético, como dos pontos de vista subjetivo e social.

Observamos que há pessoas que reconhecem a sua múltipla origem étnica com satisfação e orgulho, entendendo que de cada uma delas é possível resgatar alguma riqueza particular. Podemos falar de identificações telescópicas? Trachtenberg (2002) assim denominou o movimento psíquico que perpassa várias gerações, chegando a lugares muito distantes, conservando e, ao mesmo tempo, modificando histórias nessa trajetória. Está relacionado às tradições de grupos étnicos e de grupos familiares.

Na tradição oral de muitas famílias vai sendo perdido o contato com as origens étnicas, mas observamos também outro fenômeno. É com frequência que algumas origens étnicas ditas “menos nobres”, como negros e indígenas, são desmentidas ao longo das gerações, sendo possível, em alguma delas, visualizar pacientes miscigenados, de pele clara e com uma nítida origem negra, evidenciando traços negroides, que se escondem de si e dos outros através do alisamento de cabelos, por exemplo, como a cultura atual demanda, e não fazem qualquer referência a essa raiz de sua constituição física ou de seu pertencimento. Pensamos que essa questão vai além do preconceito racial ou do autopreconceito, e é chamativo que ambos, preconceito e origem, ficam de fora do discurso verbal

ao longo de anos de tratamento. Vergonha? Essa e outras origens étnicas são escondidas, segredadas, clivadas, cindidas, reprimidas e resistidas pelo sujeito sem que ele mesmo tenha consciência dessa particular situação.

Em relação às origens negras ou indígenas, vale pensar a sua relação com a história da escravidão no Brasil? A escravidão parece estar encravada no inconsciente. Segundo Pastori e Nicolau (2012), Freire, em seu livro *Casa Grande e Senzala*, mostra as várias facetas que se estabeleceram entre senhores e escravos no Brasil. A convivência desde cedo da criança da família dos senhores com os escravos foi marcada pela ambivalência. O vínculo com a escravidão deixou marcas psicológicas no modo de ser de todo e qualquer brasileiro. Estamos sempre oscilando entre um lado e outro do chicote, diz o autor.

Seria, então, a vergonha da origem um fantasma transgeracional, derivado de uma vergonha social, que atravessa gerações? Vale pensar que o trauma do escravo, dos antepassados escravizados sedimentou-se como não processado e repetido ao longo das gerações? Trata-se de uma transmissão transgeracional, patológica e com capacidade para gerar mais ou menos sofrimento de acordo com suas características?

Lewis Gordon (2013), no prefácio do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, afirma que esse autor ressalta, inicialmente, que racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele. Isso significa, por exemplo, que os negros são construídos como negros. Em outras palavras, não haveria razão para as pessoas na África, na Austrália ou em outras áreas do Pacífico Sul pensarem sobre si mesmas em termos raciais. Para entender como tais construções ocorrem, o caminho lógico é examinar a linguagem, na medida em que é através dela que criamos e vivenciamos os significados. Na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Essa promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros. Mesmo quando o idioma é “dominado”, resulta a ilegitimidade. Muitos negros acreditam nesse fracasso de legitimidade e declaram uma guerra maciça contra a negritude. Esse racismo dos negros contra o negro é um exemplo da forma de narcisismo no qual os negros buscam a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco.

Uma defesa psíquica extremada? Uma defesa adaptativa? Evitação da repetição do traumático? Como podemos ajudar nosso paciente a vencer essa resistência étnica, marcada pelo “branqueamento” e pela desmentida da origem? Estamos falando de uma repetição sem nome de uma defesa do traumático não elaborado de ancestrais escravos?

De acordo com Maria Aparecida Bento (1992), são compreensíveis o silêncio e o medo, uma vez que a escravidão envolveu apropriação indébita concreta e

simbólica, violação institucionalizada de direitos durante quase 400 dos 500 anos que tem o país. Assim, a sociedade empreendeu ações concretas para apagar essa “mancha negra da história”, como fez Rui Barbosa, que queimou importante documentação sobre esse período. Essa herança silenciada grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros, em particular dos brancos, beneficiários simbólicos ou concretos dessa realidade.

No entanto, o silêncio não pode apagar o passado: esse tema é um permanente desconforto para os brasileiros e emerge quando menos se espera.

Octavio Ianni (1972) analisa e define o branqueamento a partir de um estudo realizado sobre a situação de contato racial em Florianópolis. Segundo ele, “as ações dos indivíduos de cor, com referência aos brancos, se orientam em dois sentidos: integração e ascensão social” (p. 153). Ianni afirma que analisar o ideal de branqueamento é enfocar um dos padrões fundamentais envolvidos na constituição das famílias de negros e mulatos, e que “branquear é uma aspiração universal. Negros, mulatos escuros e mulatos claros, todos querem branquear”. Quanto ao casamento interracial, Ianni ressalta que “o simples casamento com indivíduo mais claro já satisfaz o mais escuro. Ter descendentes mais claros é motivo de orgulho” (p. 123).

Para o psiquismo do negro em ascensão (social), que vive o impasse consciente do racismo, o sofrimento não é saber viver e pensar o que poderia vir a dar-lhe prazer, mas o que é desejável pelo branco (Souza, 1983, p. 7). Diferentes estudiosos têm se preocupado com a maneira como os negros foram e vêm sendo atingidos pela ideologia do branqueamento no Brasil. A militância negra tem destacado persistentemente as dificuldades de identificação racial como um elemento que denuncia uma baixa autoestima e dificulta a organização negra contra a discriminação racial.

Aqueles que carregam dentro de si essa parte alienada de seu psiquismo e têm a sorte de encontrar um interlocutor válido, terão a chance de transformar essa herança transgeracional em herança intergeracional (a primeira delas é a patológica, marcada por segredos encriptados, não elaborados em uma dada geração, e a segunda se refere à transmissão de tradições, trazidas pela palavra ao longo das gerações). Nessa ocasião, o sujeito poderá conectar-se efetiva e afetivamente com sua pré-história, suas raízes e assim enriquecer seu mundo interno com o pertencimento a cada uma delas. A subjetividade, que é um constante vir a ser, sairá fortalecida se puder incluir – recuperar – o que ficou cindido e perdido do outro lado do oceano. E recuperar a humanidade.

A cantora Negra Jaque, MC, no clipe *Cabelo Crespo*, traduz esse reencontro com a identidade: “Cabelo crespo / Solte seu cabelo crespo / Cabelo crespo / Solte seu cabelo crespo / Meu cabelo é nossa raiz”.

Transgeracionality and slavery in Brazil – some questions – Ubuntu

Abstract: This paper brings some questions about the traumatic memories of black people from the slavery period in Brasil along the generations, as transgenerational memories.

Keywords: Blackness. Memory. Slavery. Transgeracionality.

Referências

- Abraham, N., & Torok, N. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Benghozi, P. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias: Desemalhar e reemalhar continentes genealógicos. In O. B. R. Correa (Org.), *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp. 89-100). São Paulo: Escuta.
- Bento, M. A. S. (1992). *Resgatando a minha bisavó: Discriminação racial e resistência nas vozes de trabalhadores negros* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Delouya, D. (2017). Imigração, tempo e esperança. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(1), 75–84.
- Gampel, Y. (2006). *Esos padres que viven a través de mí: La violencia de Estado y sus secuelas*. Buenos Aires: Paidós.
- Gomel, S. (1997). *Transmisión generacional, familia y subjetividad*. Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Gordon, L. (2013). Prefácio. In F. Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*. https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf
- Ianni, O. (1972). *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Mijolla, A. (2001). História e pré-história psíquicas. O “intergeracional” e seus fragmentos de identidade. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 3(2), 305-329.

Mundo Ubuntu. (2 de julho de 2012). *Origem da palavra ubuntu*. <http://www.mundoubuntu.com.br/sobre/curiosidades-do-ubuntu/63-origem-da-palavra-ubuntu>

Negra Jaque (26 de março de 2017). *Cabelo Crespo*. [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=vOC8M6pEM2g>

Pastori, S. S., & Nicolau, R. F. (Orgs.). (2012). *Encontro transcultural: Subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo: Editora Escuta.

Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Trachtenberg, A. R. C. (2002). Espaço psíquico geracional e as identificações telescópicas. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 4(1), 195-202.

Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Pereira, D. Z. T., Chem, V. D. M., & Mello, V. M. P. (2013). *Transgeracionalidade – De escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. Porto Alegre: Sulina.

Trachtenberg, A. R. C. (2017). Transgeracionalidade: Sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 77-89.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 05/04/2021

Aceito em: 17/05/2021

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Rua Mostardeiro, 05 / 806
90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: anarosact@gmail.com